

Observatório Empresarial

Um caldeirão chamado mercado financeiro

Priscila Pereira Fernandes *

Os diversos produtos financeiros do mercado e suas siglas são considerados uma sopa de letrinhas por muitos leigos. Entretanto, num cenário pós eleições temos um caldeirão que deixa essa sopa fervendo. Brincadeiras à parte, para muitos investidores é um momento de cautela, mas para os especuladores é a hora das oportunidades. É esse racional que esse artigo se propõe a explicar.

Num cenário de mudanças, o mercado fica mais volátil, a cada notícia, um novo comportamento. Nessa dança dos ativos, os especuladores fazem seu dinheiro. No último dia de pregão antes das eleições do segundo turno, o dólar futuro fechou em R\$5,30 e apenas quatro dias após o candidato Lula ter sido eleito esse mesmo ativo chega a valer R\$5,04. Isso porque o mercado internacional estava com boas expectativas para o novo governo. Após, alguns dias e alguns pronunciamentos da equipe de transição, o dólar voltou para R\$5,37, tendo momentos que alcançou o R\$5,43. Conforme podemos constatar no gráfico diário do dólar futuro.

Gráfico 1: Dólar Futuro



Fonte: Nelógica (2022)

Por outro lado, o IBOVESPA reagiu inversamente proporcional ao dólar. Teve um boom de alta nos primeiros dias pós eleições e, em seguida, voltou a se normalizar. Conforme vemos no gráfico a seguir.

Gráfico 2: IBOVESPA



Fonte: Nelógica (2022)

Esses movimentos fazem os *day traders*, os *swing traders* e os operadores de opções ganharem muito dinheiro. E como os investidores fazem para se proteger dessas incertezas do mercado? Investem parte do seu capital no mercado internacional. Na maioria das vezes, o comportamento da B3 é inversamente proporcional ao do dólar. Sendo assim, ao colocarmos parte dos recursos no mercado internacional, conseguimos alguma proteção nos momentos mais conturbados.

As principais formas de se investir no exterior são: por meio das Brazilian Depositary Receipts (BDR's) ou de forma direta, por meio de corretoras internacionais. BDR é um certificado de depósito emitido e negociado no Brasil que representa ações de empresas listadas em bolsas de outros países. Anteriormente, apenas investidores qualificados (pessoas física ou jurídica com mais de um milhão de reais em investimentos financeiros) podiam investir dessa forma. Atualmente, é oferecido para o público em geral, sendo uma prática forma de internacionalização do capital.

Suas vantagens são:

- Praticidade para investir, basta entrar no *homebroker* da sua corretora brasileira;
- Menor imposto sobre transmissão de herança no Brasil do que no exterior;
- Facilidade para fazer a declaração do Imposto de Renda.

Por outro lado, investir diretamente no exterior por meio de uma corretora também tem suas vantagens, a saber:

- Maior diversidade de ativos;
- Isenção de imposto de renda na venda de ativos até R\$35.000;
- Não tem desconto de emissor nos dividendos como tem nas BDR's.

Hoje em dia, temos corretoras internacionais que nos permitem investir no exterior daqui do Brasil, com a facilidade de ter atendentes para te orientar em português, o que fez com que aumentasse exponencialmente o número de brasileiros investindo no exterior. Felizmente, a internet popularizou muitos serviços e não foi diferente com os financeiros. No início dos anos 2000, num passado não muito distante, os bancos de investimentos só aceitavam clientes de alta renda. A carteira de dividendos era composta apenas por ações brasileiras (se você não fosse um investidor qualificado). Hoje, o investidor iniciante tem uma infinidade de fundos imobiliários, fiagros e fundos de investimento em infraestrutura que rendem bons dividendos e que podem ser adquiridos por menos de cem reais. Além disso, o mercado brasileiro é apenas uma das suas opções de investimento.

Sem dúvidas, para o leigo, com tantas opções, os produtos mais parecem uma sopa de letrinhas. Mas, com paciência, estudo e disciplina se conquista a familiaridade com o ativo e a segurança para operá-lo. A diversificação, recomendação de todo gestor de risco, é mandatória. E, se tratando de Brasil, um país emergente, com muito ruído político e um grande histórico de corrupção, ter ativos estrangeiros é fortemente recomendável.

***PRISCILA PEREIRA FERNANDES**, é administradora e economista pela UERJ, mestre em Administração pelo IBMEC, doutora em Administração pela FGV/RJ e Pós-Doutora em Administração pela USP e também é Trader do Mercado Financeiro. Atualmente é professora titular nos cursos de graduação em Administração e em Ciências Contábeis no Unifeso.

priscilafernandes@unifeso.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0834145228895928>